



GT 058. Processos identitários étnicos, território e tradições de conhecimento

Claudia Mura (UFAL) - Coordenador/a, Edviges Marta Ioris (Universidade Federal de Santa Catarina) - Coordenador/a, Estêvão Martins Palitot (Departamento de Ciências Sociais UFPB) - Debatedor/a, Alexandra Barbosa da Silva (UFPB) - Debatedor/a, José Maurício Paiva Andion Arruti (UNICAMP) - Debatedor/a

Com objetivo de dar continuidade ao debate iniciado na última RBA, este GT pretende reunir pesquisas etnográficas que focam os processos identitários étnicos e territoriais, com especial atenção às dinâmicas da organização social do conhecimento que os acompanham. Procura-se alimentar o espaço de diálogo e análise sobre o gerenciamento, distribuição e hierarquização do conhecimento em diferentes contextos experienciais (históricos e políticos) que definem específicas relações de poder e de modos de significação e elaboração étnica. Nesses termos, a proposta tem como base uma abordagem gerativa e comparativa, fundamentada nos desdobramentos analíticos de Barth para uma sociologia do conhecimento que visa esclarecer as formas como a diferenciação, a alteridade, gerada e reproduzida através de constantes fluxos culturais. Serão valiosas as contribuições provenientes de investimentos empíricos que abordam os processos de mudança (sociais, políticos e econômicas), as elaborações de cosmologias e manifestações simbólicas, bem como os quadros morais que orientam as experiências individuais e coletivas no estabelecimento e gerenciamento das relações intra e interétnicas. Também bemvindas são as contribuições que abordam as unidades sociopolíticas em diferentes escalas, como famílias e/ou linhagens, e que analisam a forma como as alianças se efetivam no tempo e espaço -extravasando ou não o nível étnico-, assim como as variações na elaboração e sistematização dos fluxos culturais.

Entre o visível e o invisível: processos de reconstituição da tradição encantada entre os pankararu de São Paulo

Autoria: José Maurício Paiva Andion Arruti

A presença pankararu em São Paulo está marcada por uma permanente alternância das estratégias de visibilizar e invisibilizar sua identidade, cerimônias e práticas terapêuticas. A dimensão política ou de tradução intercultural dessa estratégia é evidente e algumas vezes enunciada até mesmo pelos atores locais. Este texto apoia-se na proposta conceitual da tradição de conhecimento sugerida pelas organizadoras do GT para trabalhar sobre duas hipóteses alternativas. Baseado na observação de que a alternância visível/invisível opera tanto nas dinâmicas de interação cotidiana, quanto, por acúmulo, definem padrões de relação, espaços coletivos e momentos, a primeira hipótese é de que tal alternância manifesta um conhecimento específico, gerado na gestão histórica das relações interétnicas, profundo o suficiente para ser lido como uma tradição. A segunda hipótese é que o exercício ritual (performance) não traduz uma tradição (ou media mundos culturais distintos), mas a constitui e constrói criativamente a partir do compartilhamento de conhecimentos e experiências desigualmente distribuídas, com efeitos tanto no plano da experiência espiritual individual, quanto no plano das formulações coletivas ou cosmologia. Para desenvolver e articular ambas formulações, apresentaremos uma leitura etnográfica dos percursos biográficos (etnobiografias) de duas lideranças indígenas, cuja atuação são fundamentais para a articulação, afirmação e reconstrução das tradições dos pankararu residentes no Real Parque (Morumbi, São Paulo). Nesta apresentação aquilo que, acompanhando os próprios pankararu, chamamos de tradição se manifesta



etnograficamente nos temas da realização do Toré, associado à descoberta do dom, e das diagnoses e terapêuticas xamânicas, associado ao tenso diálogo com a biomedicina.



Realização:



Apoio:



Organização:

